

## GT: 08 Diversidade e Estudos Étnicos Raciais ( Africanos e Brasileiros)

### **Inserção da mulher negra na ciência - uma análise sociológica do enfrentamento ao racismo e sexismo institucionais/ estruturais no Brasil<sup>1</sup>:**

Ana Paula Barbosa <sup>2</sup>, Graduação em Ciências Sociais (UEL), mestranda PPGSOC (UEL), bolsista Capes/DS, e-mail: anapaulabarbosa33@gmail.com

#### **INTRODUÇÃO:**

Este trabalho tem como objetivo refletir sociologicamente acerca do desenvolvimento de minha pesquisa, acolhida no Mestrado de Sociologia – PPGSOC/UEL, na linha de pesquisa “Desigualdades, cidadania e cultura”.

A pesquisa na qual proponho-me a desenvolver, investiga a luta pela participação e inserção das mulheres negras na ciência, a partir do conceito de interseccionalidade, tomando como base: raça, gênero e classe, como proposta de luta e de enfrentamento ao racismo e ao sexismo, trazida, sobretudo por Lélia Gonzales (1935-1994), durante o I Encontro Nacional das Mulheres Negras (INMN), que aconteceu em 1988.

Num primeiro momento, nos valemos de uma pesquisa bibliográfica sobre o enfrentamento ao racismo e ao sexismo, explorando a contribuição da ativista, cientista, pesquisadora e intelectual negra, Lélia Gonzalez (1935-1994), na luta pela inserção da mulher negra na ciência.

Por que Lélia González? Ela teve várias obras de grande relevância na questão do sexismo e racismo enfrentados pelas mulheres negras desde o período da colonização e “pós abolição” da escravização, incluindo as mulheres latino-americanas e indígenas nas suas produções. Ao construir pautas e propostas de enfrentamento ao racismo e ao sexismo na década de 1980, lutou por políticas públicas de inclusão das mulheres negras no campo científico, e em todas as esferas

<sup>1</sup> Artigo da disciplina: Dissertação I, ministrada pela Profa. Dra. Ângela Maria de Sousa Lima

<sup>2</sup> Graduação em Ciências Sociais Universidade Estadual de Londrina (UEL), mestranda PPGSOC (UEL), bolsista CAPES/DS e-mail: anapaulabarbosa33@gmail.com.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

que poderiam ocupar, desnudando o mito da democracia racial, principalmente no mundo do trabalho.

Nessa pesquisa, ganharão destaque as propostas de discussão sobre o “I Encontro Nacional das Mulheres Negras (ENMN)” da década 1988 e as análises sociológicas das pautas de enfrentamento ao racismo e ao sexismo vivenciados pelas mulheres negras no Brasil.

Neste sentido, compreender o conceito de interseccionalidade como uma práxis cotidiana, investigando como as relações de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pelas diversidades, é uma de nossas intencionalidades, para abrir espaço para questionamentos sobre a subjetividade da mulher negra dentro destas estruturas de poder.

Segundo Collins e Bilge (2021, p.18), como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias: raça, classe e gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, faixa etária, entre outras, são e estão interrelacionadas, moldando-se mutuamente. É uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas.

Collins (2016) exemplifica como as mulheres negras têm ocupado posições marginais em ambientes acadêmicos.

Muitas intelectuais negras tem feito uso criativo de sua marginalidade, do seu status de outsider within (forasteiras de dentro), para produzir um pensamento feminista negro capaz de refletir um ponto de vista especial em relação à família e a sociedade. Tem como objetivo descrever e explorar o significado sociológico de três características deste pensamento. 1. A autodefinição e a autoavaliação das mulheres negras. 2. A natureza interligada da opressão. 3. A importância da cultura das mulheres afro-americanas. Como mulheres negras, em suas posições de outsider within, tratam desses temas chaves com o objetivo de criar distintas perspectivas, quanto aos paradigmas sociológicos existentes, sugiro em minha conclusão que muitos sociólogos iriam se beneficiar ao depositarem mais confiança no potencial criativo de suas próprias biografias pessoais e culturais. (COLLINS, 2016, p. 99).

## **DESENVOLVIMENTO:**

Neste sentido, analisar-se-á o entrelaçamento das propostas de luta de Lélia Gonzalez, no processo político de engajamento ao movimento negro no Brasil.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Ela lutou pela visibilidade da mulher negra dentro do campo científico, e também na sociedade, ora vistas como sujeitas passivas e donas de casa, ora percebidas apenas donas de seus lares e de afazeres domésticos.

Segundo Nascimento (2020), a epistemologia gestada pelas (mulheres negras), em conjunto assegura a legitimidade da sua teoria social crítica por abranger três distinções: (I) as mulheres negras como coletividade marcada por opressões interseccionais agenciam a sua autodefinição, (II) reagem coletivamente e ou individualmente ao sistema de dominação patriarcal heterossexista e racista; elaboram respostas diferentes a desafios comuns. (III) gestam o ponto de vista coletivo, entretanto tal pressuposto não se propõe universal nem se aparta de outras coletividades oprimidas, pelo contrário, confirma experiências e programas de justiça social em conexões transnacionais e globais.

A grande importância de se trazer novamente o embate travado, entre as mulheres negras participantes e envolvidas no I Encontro Nacional das Mulheres Negras de 1988. Porque as mesmas pautas e lutas enfrentadas pelas precursoras do movimento, ainda continuam fortemente gritantes na nossa sociedade. Aumentando os casos de racismo e sexismo enfrentados pelas mulheres negras na atualidade.

Vale ressaltar que depois do I Encontro, as mulheres negras uniram suas forças, e proporcionaram o acontecimento do II e III Encontros, reunindo assim um maior número de mulheres participantes que se adentraram ao enfrentamento e luta política de combate ao racismo, sexismo e exclusão da mulher negra, seja no mercado de trabalho, nas esferas públicas e sociais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Mesmo não citado neste resumo de pesquisa, Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982) tem uma grande referência e relevância principalmente na questão do negro tema, e negro vida, principalmente na valorização de nós negros(as) como sujeitos de ação, combatentes, e relutantes de todas as formas racistas que nós fomos retratados e colocando-nos entre parênteses, nos paralisando e nos impedindo de sair da subalternidade, nos dando força e coragem para vencer essas estruturas racistas, nos fortalecendo psicologicamente. Por que sempre fomos retratados por

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

vários escritores, literaturas e obras de artes como: sujeitos exóticos, pitorescos e a maioria das vezes como problema. Não somos o problema, somos a solução.

Guerreiro Ramos (1915-1982) nos deixou um grande ensinamento e uma vasta literatura de luta contra o racismo na sociedade brasileira, e fora dela também, criticando a ideologia da branquira praticada principalmente aqui no Brasil por muitos intelectuais e cientistas.

Nos encorajando a reconhecermos como negro(a), lutar pela nossa ética, sou negra me identifico ao meu eu que estou atribuída. Neste sentido realiza uma Propedêutica Sociológica, uma hermenêutica – condição de interpretação daquilo que você é, e constituir seu próprio ser, o eu, saindo dos parênteses.

“Sou negro, identifico como meu o corpo em que o meu eu está inserido, atribuo à sua cor a suscetibilidade de ser valorizada esteticamente e considero a minha condição étnica como um dos suportes do meu orgulho pessoal.” (RAMOS, G. 1957, p.156).

Porque para Guerreiro Ramos entre parênteses significava que estávamos petrificados, como estátuas, mumificados, e como se estivéssemos condenados. Ao sairmos desses parênteses estamos vencendo esses condicionamentos que nos foram impostos historicamente, estamos transcendendo o limite do possível, ultrapassando barreiras, tornando-se um ser humano capaz de vencer. E isso é enriquecedor e quando leio me identifico com os ensinamentos do autor e me sinto encorajada a vencer os desafios que nós mulheres e homens negros(a) enfrentamos na sociedade que estamos inseridos.

Lélia Gonzales (1935-1994) também me inspira muito, com sua trajetória de luta antirracista, sexista, e como cientista e pesquisadora negra também deixou um legado e exemplo de luta pra todas(os) nós. Principalmente no I Encontro Nacional das Mulheres Negras (1988). Lutou pelos nossos direitos e defendendo nossa dignidade de participação das diversas esferas das políticas públicas existentes naquela época e que perduram na atualidade.

Nos colocando como sujeitas de ação, iniciou um potente FEMINISMO NEGRO, lutando pela visibilidade da mulher negra dentro do campo científico e político. Lutando contra a discriminação das mulheres negras e indígenas, debateu com o próprio movimento negro feminista naquela época, porque as mulheres negras não eram reconhecidas como sujeitas de ação, e se viam de fora dos debates

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

acadêmicos e políticos.??

Vale ressaltar que todas as mulheres que participaram e lutaram arduamente contra todas as discriminações sofridas e enfrentadas por nós mulheres negras naquela época, e as que não estão mais entre nós: Que nossas vozes nunca serão silenciadas, e que com muito carinho serão lembradas e citadas no meu trabalho, e vários outros artigos como mulheres de coragem e punho forte.

## REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento, Estudos Avançados, vol.17, n.4, p. 177-133, set/dez. 2003.
- COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação Sociológica do Pensamento Feminista Negro. Tradução: Juliana de Castro Galvão. Revista Joaze Bernardino Costa. In: Revista Sociedade e Estado. Volume 31. Número 1. janeiro/abril, 2016, pp. 99-127.
- COLLINS, Patrícia Hill. BILGE, Sirma. Interseccionalidade. Tradução: Rane Souza. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- DAFLON, Verônica Toste; CAMPOS, Luna Ribeiro (org.). Pioneiras da Sociologia: mulheres intelectuais nos séculos XVIII e XIX. Niterói: Eduff, 2022.
- GONÇALVES, Renata. Trinta anos do I Encontro Nacional de Mulheres Negras: Uma articulação de gênero, raça e classe. Revista Lutas Sociais, São Paulo, vol.22, n.40, p. 9-22, jan./jun. 2018.
- MOREIRA, Núbia Regina: A organização das feministas negras no Brasil. Vitória da Conquista: Edições UESB/ 2018.
- MOREIRA, Núbia Regina: Documentário TV CULTURA: O movimento feminista negro no Brasil, 2016.
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino: O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2006.
- NASCIMENTO, Rosânia do. COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Pós- Revista de Pós-Graduação em Ciências Sociais [S.1] V.15, N 1, p. 7, 2020. Disponível em: <https://periódicos.unb.br/index.php/revistapos> . Acessado em: 03 jun.2024.
- RATTS, Alex Rios, Flávia M. Lélia Gonzalez: Retratos do Brasil Negro. São Paulo: Summus, Selo Negro, 2010, 173 p.
- RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing. Revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro, vol.3, n.2, p.446-457,1995.
- SAFIOTI, Heleth: Violência de gênero, lugar de práxis na construção da subjetividade. Revista Lutas Sociais, São Paulo, nº2 1997.
- SILVA, Joselina. I Encontro Nacional de Mulheres Negras: O pensamento das feministas negras na década de 1980.In: Silva, Joselina; PEREIRA, Amauri Mendes. O Movimento de Mulheres Negras: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. Belo Horizonte, Nandyala, p.13-40, 2014.
- GUERREIRO RAMOS, A. Patologia do branco brasileiro. In: Introdução crítica à sociologia brasileira. Rio de Janeiro: Andes, 1957 a.p.171-192.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná